



Gaiato

13 DE JULHO DE 1968
ANO XXV — N.º 635 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINTZENAL
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Pai Américo

ESTE é o mês do seu nascimento sacerdotal, do seu nascimento para o Céu, do reconhecimento oficial pela Igreja da sua Obra. Para nós, Julho é, pois, um mês de natal. Pai Américo enche-o, como cheio da sua lembrança, querida estavam a inteligência e o coração do Bispo que redigiu a aprovação das nossas «Normas de Vida». Gosto tanto de relê-la. É justo! O tempo passa. A hora é de evolução e de incertezas. Como nos faz bem mergulhar na evidência perene de que Pai Américo viveu, «firme, como se visse o Invisível», sempre vitorioso no brandir unicamente d' «a arma que vence o mundo: a Fé»!

O que é que mudou, ou está para mudar na Religião, a teia que religa os homens a Deus, que os fixa na Vida? Acaso o tudo que nos cumpre viver não é o «amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei»? Andam por aí tantos empenhados na reforma das formas, procurando descobrir alguma técnica por que os homens se amem, mais barata do que o «como Eu vos amei», que foi «dando a Minha vida por vós».

É uma onda de diletantes, ocupados em congressos, em estudos e altos estudos, à pro-
Continua na TERCEIRA pág.



CARTA ABERTA AOS RAPAZES DO LAR

Queridos Rapazes: — É, com certeza, do conhecimento da maior parte de vós que começámos a construir em Coimbra uma casa para nosso Lar. Fica no lugar do nosso recreio e garagem e prolonga-se até cima ao portão antigo. O terreno foi-nos dado pelos nossos Bispos, pois era pertença da Diocese.

Foi a necessidade que nos levou a construir a nossa casa, pois a que habitaste está cada vez mais velhinha e com menos condições. Tivemos que fazer um grande acto de fé em Deus e de confiança em todos os que hão-de colaborar.

Quando empreendemos esta obra, pensei em ti. Tu também és fruto do nosso Lar. Logo pensei em pedir a tua colaboração ou a tua ajuda. Não é pagar aquilo que recebeste, mas ajudar para que outros venham a receber. Não

te peço muito, nem pouco. Isso é contigo. Mas entendo que deves ajudar como qualquer bom filho e bom irmão.

Vou fazer a vossa chamada. Chamo só por aqueles que conheci. Chamai vós também uns pelos outros e, assim unidos, o Lar será muito nosso e tereis mais alegria de vos sentiredes irmãos:

José Brito, António da Costa (Ratinho) e Gabriel já partíram deste mundo e do Céu estão em união conosco. Filipino Martins, empregado de escritório em Coimbra; Carlos Inácio, delegado de propaganda no Porto; José Maria Fernandes, empregado na Diamang em Angola; Armindo Henriques, empregado dos C. T. T. em Fátima; Ernesto Pinto, chefe da carpintaria da nossa Casa do Gaiato de Setúbal; Carlos Alberto Freitas, desenhador

da Câmara Municipal de Luanda; Alfredo Serra, operador da Emissora Nacional em Coimbra; José Eduardo, empregado do Banco Pinto de Magalhães em Fátima; Alberto Pedrosa, empregado comercial em Lisboa; José Luís, em França; João Luciano, empregado bancário no Porto; Carlos Poaires, empregado comercial em Coimbra; Armindo Vinagre Preto, empregado em Lisboa; José Clemente, empregado comercial em Coimbra.

Afonso Simões, empregado comercial em Coimbra; Fernando Bruno, empregado em Lisboa; João António, inspector da Robialac em Lisboa; Vitor Agostinho, empregado dos C. T. T. em Coimbra; Alfredo da Soledade, empregado de escritório em Coimbra; Manuel Machado, estabelecido com comércio em Coimbra; Cont. na 4.ª página

DOCTRINA

«Na hora das admoestações em comunidade, pomos imediatamente a moção de confiança: — Não acredito que me desobedeçam.

Claro que o rapaz não obedece às primeiras; não tem esse hábito. Nem jamais o terá, se não fôr levado pela confiança! Não o espreitamos. Deixamos que ele se olhe; que se conheça; que se valorize. Acreditamos e eles acreditam. O alimento da sinceridade é a confiança.»

Pai Américo

TENHO pensado muitas vezes, a propósito de muito desgaste inútil de esforços e por contraste com organizações alicerçadas em diferente princípio, na deseconomia dos sistemas de relação entre os homens estruturados sobre a não-confiança. Quando esta não existe de dentro, em verdade, não há recursos de controle capazes de evitar que passe entre as suas malhas o que a confiança não deixaria passar.

E o preço do controle! É uma máquina gigantesca, asfixiante, que não actua na linha directa do serviço do homem; mas tão somente pretende joear, mediante uma burocracia complicada, a pureza das acções necessárias à vida em sociedade. Num regime de confiança, as falhas que sempre é impossível

evitar, custariam, ainda assim, muito menos do que o preço de tal burocracia, que tedricamente devia libertar a coisa pública dessas falhas, mas de facto, não liberta. É um mundo de gente instalada no sector terciário das actividades humanas, atropelando-se, empatando-se e estorvando aqueles que trabalham na produção de bens úteis ao homem. Quantos dos que estiolam assim, poderiam gastar-se fértilmente, no «domínio do mundo», que é preceito divino, procurando extrair dele as riquezas que Deus fez para o homem e das quais ele padece míngua só porque as não procura. Mas o pior, o sintoma mais grave do mal que impregna muita mentalidade, é o desejo de muita gente empregar as suas energias nessas

Continua na QUARTA página

LOURENÇO MARQUES

A pequenina festa de anos feita ao Ezequiel, por um grupo de Amigos da cidade, como ele aqui dá contas, para além da demonstração de simpatia pelo nosso pequenino vendedor de «O Gaiato», foi um acto de serena confiança nesta Casa que dá os primeiros passos e recebe as primeiras carícias de quem toma por filhos aqueles que ela abriga.

Mais que simples apreço pelo rapaz, que tem sabido ocupar o seu lugar e tomado lugar no coração daqueles a quem vende o Jornal, é prova de que com ele lhes entra também a Obra no coração. E porque estes primos não têm sido apenas para o Ezequiel, mas também para os outros, dito de um, dito de seus companheiros. E assim esperamos continue a ser, na medida em que forem substituídos pelos seus irmãos mais novos, de côr ou não, tirados à rua da cidade ou aos lugares mais remotos da Província.

E então quem porventura os tenha visto maltrapilhos e sujos e os tomava por indesejáveis, estremeça de ternura ao sentá-los à sua mesa, delicie-se na doçura de os afagar com carinhos.

A côr da pele não pode impedir as relações de alma para alma e não são menos desti-

tuídos, se bem que menos oluidos, os que vamos recebendo. Ainda não ouvi ninguém acusá-los de nada mais grave que a tendência de deitarem a mão ao alheio. Nisso também estes eram mestres, quando andavam por lá. Que serões às vezes temos passado, com eles em pleno avontade, a contar as suas aventuras na rua, e o fazem porque agora se sentem felizes e afastados do mau caminho!

Creio que uma sociedade que se queixa apenas disso, tem o remédio bem à mão: É dar-lhes de seu aquilo que lhes falta, aconchegá-los, dar-lhes a mão, descer até eles para subir com eles. Eu sei que não tenho só vozes de aprovação, mas muitas outras gostariam que me calasse. A estas aqui deixo o que Pai Américo escreveu:

«Tem sido um erro grave chamar praga à chusma de garotos da rua, e afastá-los por perigosos. Mais perigoso quem os afasta! Por muito que os consideres estranhos, eles são Património da Nação, fiadores da Humanidade, domésticos de Deus. Se hoje os afastas com desdém, amanhã procuram-te com ódio. A operação não é de eliminar, antes de assimilar».

Padre José Maria

6.000\$00 de um colega de Engenharia do nosso Padre Carlos, que todos os anos quando nos visita, se desobriga. Muitas excursões escolares e suas migalhinhas de 100\$, 386\$50, 344\$, 100\$ e 150\$. 40\$ do Sr. Manuel da Rua da Corticeira, Amadora com 50\$. Duma Maria de Castelo Branco 50\$, com mágoa de não ter podido assistir à nossa festa naquela cidade. 1.400\$ de Lisboa. F. T. F. com 40\$. Do Porto, 100\$. «Por Alma de Ma-

va da Nota da Quinzena» e para o «Calvário». Do Bairro da Pasteleira, no Porto, alguém junta as migalhas que lhe dão e destina-as à Casa do Gaiato. Desta vez vieram 200\$. Eduardo e Fernanda, de Benoni, África do Sul, não nos esquecem nunca e, de vez em quando, lá vem um cheque de perto de mil escudos.

Mais 120\$ do Porto. 100\$ de algures, Roupas da Covilhã. Mais 40\$ e 20\$, da costumada presença «Obra de Deus, para os

alma duma irmã muito querida. 100\$ no Lar do Porto. Rio Tinto com 100\$. Da Empresa Termo-Eléctrica Portuguesa, 500\$. M. F. M. com 100\$. Mais «Uma migalhinha» de 250\$, do Entroncamento. 1000\$ do fôro do Sr. Dr. C. de Barros. Peniche com 20\$00. Luanda, com 100\$. Anónimo com 200\$ em selos de correio. A presença sempre agradável da Avó de Moscaide, com 55\$00.

De quem muito nos ama, nos

Do que nós necessitamos

nuel», 100\$. Luísa com 100\$. De alguém do Banco de Angola, 250\$. Um anel valioso, entregue pessoalmente por pessoa amiga de Vila de Conde.

Promessas e graças obtidas, trouxeram-nos 150\$, 600\$, 150\$, 62\$, 500\$, 20\$, 200\$, 500\$ e mais 500\$ e mais 500\$. Roupinhas lindas para pequenitos. Mais da Invicta 50\$, 100\$ e 50\$. Por intermédio de «O Comércio do Porto», 250\$. Ass'nante transmontano com 100\$. De Rio Tinto, 100\$. Douro amigo de Cabeceiras de Basto, 100\$00. Os 25\$00 mensais de Lisboa. «Leticista da Figueira» com 50\$. António cá está, desde há longos anos com a presença para a «Viú-

Pobres». De S. Pedro do Sul, 100\$. De duas irmãs enfermas, 40\$00 mensais. Ass. 31.300 com 100\$. Foz do Douro com 60\$, de Helena. De Gondomar, 200\$. Em cumprimento dum voto, 100\$. Dos Funcionários da Caixa dos Vinhos, 60\$. Santarém com 100\$. Migalhas várias de 100\$, 20\$, 50\$, 20\$ e 50\$. Selos usados de Lisboa. Mais roupas da Capital, da Microfilmagem e Urros. Do sobrevivente do casal R. D., os 50\$ de todos os meses.

27 pares de calçado vulcanizado, da Fábrica Casal, de Gaia, por ocasião da visita que nos fizeram. 50\$00 do Porto. Idem do Fundão. Os 75\$ em selos de correio que, mensalmente, nos vem da Amadora. Mais 1.000\$ do Pessoal do Posto n.º 3 da Federação das Caixas de Previdência. E. D. M. com 20\$. Roupas de homem de Lisboa. 10 contos do ass. 2856, sufragando a

Clérigos, um cheque de 10 contos. E o muito e o pouco que nos entregam em mãos ou às mãos dos nossos rapazes, quando nos visitam.

E finalizo com a carta duma avó:

«Os meus netos deram-me dinheiro no dia dos meus anos. para comprar uma prenda. Resolvi, depositá-lo em seu benefício, num Banco que nunca pode acusar falência e dá bom juro. Aí vão 100\$ para os seus Gaiatos. O resto será distribuído pelos pobres da minha terra.

Uma Avó Beirã

Longos anos de vida, lhe desejamos, querida Avó. E que o Senhor vos pague.

Obrigado.

Manuel Pinto

O Carlos Alberto tem seis anos. Veio há dias de um prostíbulo. Entregue por uma patroa. Não sabe quem é seu pai nem sua mãe. Eu também não.

Quando me pediram abri imediatamente as portas da Casa mai-las do coração. Estes são nossos. Nem que não haja lugar, o coração arranja-o logo.

Exigi que o Tribunal de Menores tomasse conhecimento da sua existência mais da sua desdita. Sim senhor. Entregue à Casa do Gaiato com direitos e deveres de tutor. Tudo arrumado. Tudo seguro. O Carlos Alberto é nosso.

Toda a estrutura psíquica e somática do meu menino manifesta os danos incriveis da prostituição naqueles que são seus filhos. Olhar embaciado. Berros que mais pareciam vindos de um irracional que duma criatura humana; instabilidade afectiva — para todos corria e de todos fugia. Insociabilidade. Refilice. Insatisfação. Um desequilíbrio que confrange a alma.

O Mário tem sido a sua mãezinha. No deitar. À mesa. No trabalho. Com o seu carinho habitual. Tenho uns tantos com história idêntica e características semelhantes. Em todos se evidencia a degradação que o seu berço lhes trouxe.

Eu queria dizer isto à Mãe Igreja. A Igreja tem de ter en-

Setúbal

tranhas de Mãe para ser Igreja. Sofrer. Afligir-se. Tentar com forças e esforços proporcionais à profundidade e extensão da miséria a redenção e recuperação humana de todas aquelas infelizes que caíram neste estado.

Tenho ouvido tantos lamentos, refutado tantas críticas. Tanta gente a alijar responsabilidades, a afirmar que isso compete a esta e àquela entidade. Ninguém a bater no peito. Ora eu acho que é de todos a culpa. Quem clama? Quando o incêndio se alastra tocam as sirenes, acorrem os bombeiros e, se necessário, mobilizam-se todas as forças. Quando funcionavam os prostíbulos a miséria tinha a cobertura da lei, estava localizada. Mas agora? Veio para a rua. Para a berma das estradas de maior circulação. Em pontos estratégicos a armar cilada a quantos não vencem a sua própria miséria. Que dor! Camionetas, motorizadas e automóveis parados dão um aspecto de feira onde

se vende tudo o que é digno na natureza humana! Quando passo e me apercebo, lembro-me do meu Carlos Alberto mais dos outros e encho-me de angústia, que é quase pavor, ao lembrar-me que as suas mães poderão ser pasto de feras naquele lugar! Encho-me de coragem e de amor e rezo ao Pai de todos que nos acuda e nos dê o remédio para tão grande mal. E pergunto a mim mesmo: — Como se resolve o problema? Noventa e nove por cento destas situações nasceram da falta de amor. Ausência de família. Casas pias e asilos. Atrazo mental e humano. Abandono familiar e social. Onde o remédio? No amor. Só o amor. Quem tem amor é a Igreja. Só ela é capaz de dinamizar as almas e comunicar-lhes a angústia das Suas entranhas. Só ela é capaz de redimir. Que a Igreja grite aos Seus filhos as Suas dores vividas na Sua carne como eu vivo. É necessário que surja do Seu seio uma pleiade de apaixonados e apaixonadas de Cristo agonizante nestas mulheres e se criem ambientes propícios, tolerantes, livres, compreensivos, onde haja gente capaz de amar até ao fim. Gente que viva da Esperança e da Fé na Redenção.

Padre Acílio



Quadros da nossa vida — A Casa do Gaiato é uma Casa de trabalho. Do mais pequeno ao mais velho sabem que o pão que comem quatro e cinco vezes ao dia há-de ser merecido pelo esforço. À medida da capacidade de cada um.

O capim, regado pelas chuvas, este ano abundantes, graças a Deus, crescem por toda a parte. Há que limpar as ervas dos jardins das ruas da Aldeia, dos terreiros. Tem sido a tarefa destes dias. Com pequenas enxadas nas mãos, nos tempos livres deixados pela escola, aos grupos, debaixo da orientação de um deles, alegremente vão cumprindo sua missão.

x x x

Oficinas — As máquinas da serralharia chegaram. Mais instrumentos de valorização humana. Não há mãos que cheguem. As nossas oficinas são, antes mais, escola. Acabariam no dia em que deixassem de o

ser. Temos, entre mãos, trabalho de responsabilidade. Está entregue totalmente a eles. Mas precisamos de mais. Eis uma maneira de nos ajudarem. Mandem trabalhos para as nossas oficinas de carpintaria e serralharia. Havemos de bater a muitas portas. Não vamos pedir dinheiro, mas trabalho para as nossas oficinas.

x x x

Campo — É a época das sementeiras. Delas virá parte do nosso pão. Também aí a mão do rapaz. Os tractores, revolendo as terras, abrindo os regos, deixando cair a semente, de manhã à noite, são manobrados por eles. Assim, pelo trabalho, se vão formando os homens de amanhã.

Padre Manuel

Visado pela

Comissão de Censura



Lar Operário em Lamego

Queremos hoje apresentar contas. Como não é fim, nem princípio do ano, as contas têm de ser de outro teor. É um ligeiro exame feito em presença de todos sobre o aproveitamento dos rapazes que vivem no Lar.

Dos primeiros que chegaram, só estão quatro. Um começou por aprender a carpinteiro e em certa altura disse que desejava estudar. O Colégio dos Beneditinos ofereceu um lugar e o rapaz concluiu agora o 1.º ano estando sempre no quadro de honra. Todos os professores dizem bem. Dois trabalham numa alfaiataria e dão conta do recado. O outro está numa oficina de carros e tem simpatia dos superiores. Os restantes vieram no decorrer destes dois anos de existência do Lar, conforme as vagas que iam surgindo. Ultimamente saíram dois a dominar a arte. Dizem os chefes das oficinas que eles deviam continuar mais algum tempo, mas a verdade é que agora tudo depende da prática; usa e serás mestre. Eles entenderam, e nós concordamos, que deviam dar o lugar á outros e que nas suas terras já podiam ir ganhando alguma coisa e ajudar a família. Partiram com a promessa de encontrar a porta aberta se amanhã se quisessem aperfeiçoar ou resolver qualquer dificuldade.

É com satisfação que afirmamos estarem já 6 a trabalhar por conta própria e que

isto se deve ao Lar de S. Domingos. Consideramos suficientemente recompensados todos os sacrifícios. E os nossos amigos e benfeitores podem ficar contentes ao ver o bom resultado da cooperação prestada.

Não sabemos se o Lar terá vida longa, ou breve, mas o que se não pode pôr em dúvida é a sua utilidade e vantagem. Se por motivos imprevistos, ou por falta de meios (o Lar não tem qualquer subsídio oficial, ou ajuda certa) fôsse obrigado a fechar, aquele punhado de rapazes o bendiriam toda a vida. Na hora em que fechar, não podemos dizer que tenha a sua missão cumprida, se houver rapazes que dele necessitem.

Tivemos a tentação de esconder hoje o reverso da medalha. É que nem todos os que passaram pelo Lar, mereceram o pão que graciosamente lhes foi dado. Estiveram por cá algum tempo e saíram sem aproveitamento. Suponho poder afirmar que a grande culpa é dos pais. Uns julgam que os rapazes vêm para algum emprego e têm de começar logo a ganhar. Outros dizem que os filhos lhes fazem falta em casa e não sabem sacrificar-se hoje um pouco, pelo bem estar deles amanhã. Aqui está a razão porque continuamos a insistir que apareça alguém, além da família, a interessar-se pelo rapaz quando é admitido.

Só tivemos dois casos graves de desistência que partiram directamente deles. Há um terceiro caso especial, que cheios de boa vontade e paciência estamos a tentar resolver. Promete mil vezes, para faltar outras tantas. Todos os meios (castigos, bondade, polficia no caso, provas de confiança, etc.) têm sido empregados para não mandar o rapaz embora. Custa sempre tomar uma atitude destas. Eles chegam ao Lar, sentam-se à nossa mesa, chamamos-lhe pelos nomes, conversam connosco, fazem oração em comum, e necessariamente temos de os amar. Esta afeição produz grande mágoa quando eles partem antes de aprenderem uma arte ou quando somos forçados a dizer-lhes que não podem continuar aqui. Esta outra decisão só se explica quando o bem dos outros companheiros exige.

Aqui ficam as nossas contas, certamente com a aprovação dos que nos estimam. O orçamento para as actividades futuras, é da ordem de tudo dar para bem dos rapazes pobres que desejam valorizar-se.

Padre Duarte

Aqui Lisboa

Findas as aulas e em pleno tempo calmoso, eis-nos, por turnos, a caminho da praia de S. Julião da Ericeira, ocupando o edificio ali construído há anos para o efeito. São sempre momentos de alegria aqueles que se vivem nestas ocasiões, o reviver de histórias antigas e o architectar de projectos novos. O céu azul, os raios escaldantes do astro-rei, a areia branca da praia beijada pelas águas, ora calmas ora violentas, do oceano, o arvoredo em que predominam as resinosas, mais os penhascos aqui e além, formam o ambiente propício ao relaxamento psíquico e muscular dos Rapazes. Muitos deles têm estabelecido o seu primeiro contacto com o mar nas nossas Casas, o que, se não abona muito a nossa condição de País debruçado ao longo do oceano,

no e de tradições marítimas, não deixa de representar espectáculo curioso e digno de observação. As brincadeiras na areia ou nas rochas, em que a imaginação tem campo fértil, a pesca e a caça improvisadas, para lá das «paixonecas» que todos os anos nos surgem, constituem motivos de agrado profundo, que só não serão compreendidas por aqueles que nos seus tempo de jovem não tiveram a dita de frequentar qualquer praia ou que, fechados no seu egoísmo, não desejam estender aos outros o bem que, porventura, hajam usufruído um dia.

Não há dúvida nenhuma do incremento do acesso ao mar de numerosos crianças que, ainda há poucos anos, não tinham essa possibilidade. Instituições particulares, oficiais ou para-oficiais muito têm feito nesse sentido. Não deixa de ser verdade, contudo, que há muitas mais sem beneficiar dos dons que a natureza nos oferece de mão beijada, sobretudo das regiões mais interiores e sertanejas, onde as dificuldades materiais e de transporte mais se fazem sentir. O mar para todos os jovens deveria ser o lema de todos nós, adultos e responsáveis. O elevado índice helio-térmico e de luminosidade verificado na nossa costa, a sua riqueza em iodo, a oportunidade que se oferece de enriquecer uma alimentação tantas vezes deficiente, são factores a aproveitar em grande escala, numa planificação coordenada em ordem ao bem de todos, no fortalecimento das gerações e no combate ao raquitismo e demais males. Numa perspectiva económico-sanitária, um plano bem estruturado seria de alta rentabilidade, se quisermos ver as coisas nos moldes em que agora se põem. Vendendo-as, porém, com olhos de quem nos manda amar os nossos irmãos, sobretudo os mais pequeninos, ultrapassaria os termos enunciados e, englobando a justiça, traduziria um acto de Amor. O mar para todos os jovens, eis um pensamento a requerer expressão prática.

x x x x

Uma pequena nota final para os nossos Amigos da Ericeira, veraneantes e naturais. A vossa amizade tem timbrado todos os anos pelas manifestações mais variadas. Quando este número sair já estaremos junto de vós. O vosso carinho e o vosso desvelo não deixarão de se manifestar mais uma vez. Que Deus vos ajude nas vossas tarefas, de trabalho activo ou de repouso retemperador, sem esquecerdes as nossas necessidades. Obrigado.

Padre Luís

Pai Américo

Cont. da PRIMEIRA página

cura de um modo fácil de dizer aos homens que é preciso que «se amem em obras e em verdade», sem os assustar com o dom de nós mesmos até à exaustão, que é o preço real do amor autêntico. Enquanto se gastam tantas energias com as formas, sofre a substância. Porque sempre foi e será que conduz mil vezes mais à convicção, à imitação, aquele que se entregou «à urgência da Caridade de Cristo» do que quem a prega em primores de «língua, de palavras». Tanto movimento que vai por esse mundo além!... Movimento é, mesmo, um nome na moda para acções apostólicas. E que se vê... além de poeira? Deus é o Acto Puro, n'Ele não há movimento. É simplesmente. E por ser, dá a vida a tudo que a tem.

«O homem de fé — diz o P.e Loew, cujas páginas são lugar de constantes encontros com Pai Américo — não vê, não sabe, crê.» «...Anteriormente a toda a acção, apoiou a sua vida, para si e para todos os homens, sobre a Palavra de Deus.» Este é o Apóstolo. Fé e Pobreza, as suas armas. «Elas são a resposta própria e eminentemente adaptada ao tempo de hoje, o remédio verdadeiramente específico para curar a ferida da incredulidade». E acrescenta o mesmo Padre isto, que não resisto a transcrever: «Ser pobre de facto, pobre de coração, uma única e dupla pobreza — como a caridade — à qual não chegaremos senão lentamente, ia a dizer pobremente, pouco a pouco, passo a passo. Ninguém se despoja de um golpe, mas pode tender-se cada dia para a simplicidade, para o

desprendimento, para a confiança só em Deus. Hoje mais do que ontem e menos do que amanhã é a divisa de todos os amorosos do mundo, os apaixonados por Deus e pela santa pobreza».

Esta página é um retrato de Pai Américo. Nem sempre ele foi visto assim — é um facto. «Naturalista» lhe ouvi eu chamar de boca de gente responsável. «Revolucionário», «irreverente»...

Quem dera que no mundo de hoje, onde a violência pretende instalar-se, até entre o Povo de Deus, houvesse muitos humildes, debruçados sobre a Natureza que Deus fez, procurando nos lírios do campo e nas aves do Céu a resposta da Sabedoria e Bondade de Deus, que os homens embaciam e deturpam em nome da sua ciência, das suas teorias, que começando algumas por ter sido desincarnadas muito tempo ao abrigo de falso sobrenaturalismo, acabam por ir caindo no extremo igualmente falso de ilusórias incarnações. «A pobreza exterior sem a humildade do coração — volto ainda ao P.e Loew — conduz ao pior farisaísmo que pode ameaçar o apóstolo.»

Como Pai Américo surge verdadeiro, actual, exemplo equilibrado do apóstolo no nosso tempo, ele que correria agora o risco de ser chamado de retrógrado, talvez, por alguns que, outrora, o trataram de avançado!...



A lei foi feita para o homem, e não este para aquela.

Ora, a vida humana evolui, num crescer, e até num transformar espantoso, em nossos dias. Naturalmente que a lei para servir o homem terá que sofrer igualmente modificação, sob pena de estar em atraso em relação às condições e circunstâncias do viver humano.

E, por isso mesmo, quando uma Instituição, que se propõe ao bem do homem, ultrapassa a lei, esta terá que se actualizar, caso contrário não servirá o fim a que se destinava — a defesa dos direitos e dos deveres do homem.

Isto parece-me bem frisante no nosso caso. A lei não prevê que uma Instituição se proponha recolher moribundos para lhes dar um fim de vida condigno e até uma sepultura honrosa. A lei ignora mesmo que haja aglomerados humanos de incuráveis, vivendo em família seus derradeiros dias á

sombra de Instituição que os ama na vida e na morte.

Por outro lado, os limites paroquiais não suportam índices anormais de vida quer de morte. Como também não é justo que uma Instituição esteja coarctada na realização da sua finalidade por tais contingências, não podendo expandir-se consoante anseia para acolher aqueles de que seja capaz, e que de facto sucede connosco e de que as vagas presentes são triste confirmação.

Por tudo isto, parece-me razoável que a lei sofra alteração para utilidade da própria lei e bem daqueles a quem ela deseja servir.

Mas o caso que à lei levanta o Campo Santo do Calvário é apenas um exemplo de como importa aos homens que redigem a lei irem mergulhar frequentemente na vida dos homens para que o bem comum não sofra com a ausência da lei aos seus problemas.

Padre Baptista



TRIBUNA de Coimbra

CARTA ABERTA AOS RAPAZES DO LAR

Cont. da PRIMEIRA página

Humberto Gomes, estabelecido com comércio em Coimbra; Francisco Lopes, empregado do Banco Comercial de Angola em Luanda; Orlando António, empregado em Angola; João Hingá, monotypista em Coimbra; António Sérgio Dias, empregado comercial em Lisboa; Joaquim Carlos, empregado em Lisboa; Helder, em parte desconhecida; António Lutero, empregado em Lisboa; Agostinho Emanuel, mecânico em Malaposta.

José Fernando Neto, empregado da PIDE em Coimbra; Manuel Marques, empregado da Cuca em Luanda; António Jorge Gonçalves, empregado de escritório em Benguela; Rui Lopes, alfaiate em Coimbra; Carlos Alberto de Jesus, professor do Colégio de S. José em Tete; António Lousão Caldas, empregado de escritório no Porto; Carlos Manuel Trindade, professor da nossa Casa do Gaiato em Miranda do Corvo; José Augusto, empregado de escritório, em serviço militar; José Carlos, empregado comercial em Coimbra; Dinis Abrantes, empregado na Caixa Geral de Depósitos em Lisboa; Horácio, empregado de escritório em Lisboa.

António Francisco, enfermeiro da fábrica de cimentos de Nacala — Moçambique; José Manuel, marceneiro na Amadora; Armando, em serviço militar em Moçambique; Carlos Saraiva, em parte desconhecida; António Falcão, empregado de escritório, em serviço militar; Jorge, empregado de escritório, em parte desconhecida; António da Silva,

universitário, em serviço militar; José Crisanto, professor primário na Figueira da Foz; José de Paiva, empregado comercial em Coimbra; António Nunes, mecânico em serviço militar; Joaquim de Sousa, empregado de escritório, em serviço militar em Angola; Manuel Veiga, empregado de escritório, em serviço militar em Moçambique; Fernando Campos Largo, professor primário em serviço militar; José Manuel dos Anjos, empregado comercial em Coimbra; Manuel da Costa Ferreira, empregado de escritório, em parte desconhecida.

Manuel Marques, empregado comercial; João Evangelista, empregado de escritório; Martiniano, empregado de escritório;

Israel, empregado comercial; Manuel de Jesus e Sousa, empregado de escritório; António Cândido, empregado de escritório; Duarte Nuno, empregado de escritório. Todos estes estudam de noite e estão actualmente no Lar.

Francisco José, Manuel Cesário, José Joaquim, Luís Manuel, António Simões, Casimiro António e Francisco Manuel são agora os nossos estudantes de dia. António Armando e José Francisco são empregados de farmácia em Coimbra e vivem no Lar.

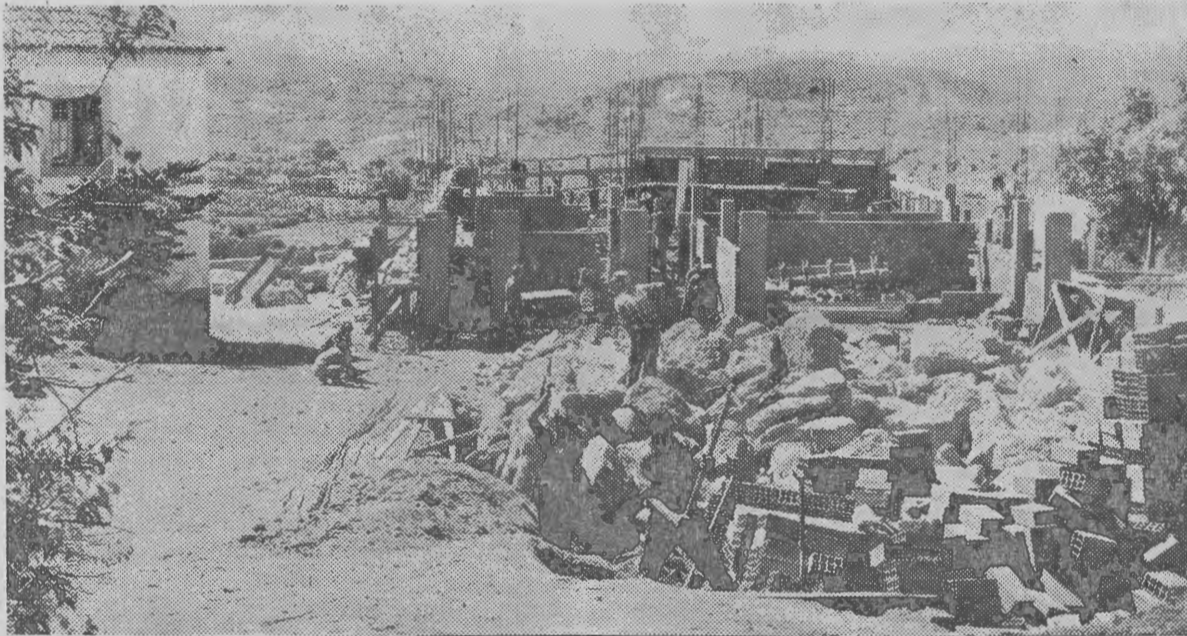
A Senhora Maria de Luz que foi aqui vossa Mãe e há-de continuar a sê-lo manda-vos muitos beijos e muitas saudades. Ela vive todas as nossas horas.

Esta chamada é para todos os que foram desta Casa, embora por esquecimento possa ter omitido o nome de algum. É para mim um mundo de gratas recordações de 18 anos e será também para vós um motivo de comunhão de alegria. Para os nossos leitores será mais um testemunho vivo da obra que Deus gerou na alma de Pai Américo.

Espero pelo teu PRESENTE.

Vosso

Padre Horácio



Começámos a construir em Coimbra uma casa para o nosso Lar. Fica no lugar do nosso recreio e garagem e prolonga-se até cima ao portão antigo.

DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

tarefas estereis de si-mesmas — e naturalmente pouco exigitivas de nós mesmos — quando o que me parece apaixonante é o trabalho criador, à imagem de Deus, que transforma as nossas energias em mais energias, em energias novas.

É astronómico, de valores materiais e de valores humanos, o preço da não-confiança! Esta é um sinal clamoroso de uma educação que se não fez e urge começar, colorosamente, em sangue, suor e contradições, mas que urge começar imediatamente, sofrendo o risco, sim, mas quem não arrisca... — diz o nosso Povo e «o nosso Povo fala tão bem!»

Quem quer colher sem semear? Quem espera colher o

que não semcou? Queremos expirar confiança em volta de nós? — Temos de a inspirar, confiando. Há perigos? — sem dúvida! Mas em que os não há na vida do homem sobre a Terra?! Para ganhar uma guerra é forçoso que sejam vitórias todas as batalhas? A derrota também tem o seu papel na construção do homem sábio, que é o homem humilde. E quando ela surge no caminho da instauração da confiança como pedra de base de toda a realização social, ela tem, de certeza, um valor aquisitivo da vitória final.

Foi assim que fez Pai Américo. Ele foi um mestre da confiança como plano firme das relações entre os homens, das relações verdadeiras que os constroem irmãos uns dos outros.

Primeiro confiou inabalavelmente, até ao extremo da sua medida de homem, na infinita providência de Deus, que é Bom e é Pai. E por Ele, com Ele e nEle, confiou nos homens que, por serem imagens de Deus, hão-de guardar nas suas almas nem que seja só resquícios da bondade do Pai. Foi enganado uma e muitas vezes... — é verdade. Mas não se enganou! A afirmação que, pela sua pena, vai no cimo deste artigo é verdadeira e os nossos 28 anos de existência são o argumento irrecusável que a demonstra.

Terá chegado a hora em que «a Juventude e a Inteligência, querem finalmente realizar, ao nível da Empresa, da Universidade e do Estado, aquilo mesmo que Pai Américo ensaiou ao nível do garoto da rua?!»

Praza a Deus que sim!

PELAS CASAS DO GAIATO

Lourenço Marques

Amigos leitores. Cá estou outra vez a escrever para o nosso jornal.

Tenho a dizer que nos ofereceram mais uma vaca, que passados uns dias teve um bezerrinho.

Agora já deixámos de beber leite condensado, porque temos muito leite de vaca.

A nossa machamba já começou a produzir couves, repolho e alface.

Veio mais um rapaz de Mueda, que foi apanhado a pescar, pelos tropas, e agora já está em nossa Casa para aprender a ser homem.

Já fizemos três pontões e estamos a acabar o maior por onde vai passar a avenida, para a aldeia.

No sábado dia 22 de Junho foi a festa dos meus anos. Na sexta-feira, dia de venda do jornal, no Prédio dos Estudos Gerais, na Praça 7 de Março, no primeiro andar, esperavam-me as

Produções-Golo, para me entrevistar, e fizeram-me as seguintes perguntas: Se eu estava contente por estar cá. Eu disse que sim. Perguntaram-me quando eu fosse grande o que queria ser. Eu disse que queria ser empregado de escritório. Em que casa eu tinha estado a primeira vez. Eu disse que tinha sido em Paço de Sousa.

No sábado de manhã, muitas pessoas não podiam vir cá de tarde, mandaram-me ir buscar as prendas que me queriam dar. Fui à Rua do Porto, por bolos, roupas, e um saco de rebuçados; Rua Guerra Junqueira, um embrulho de roupa e um bolo; Rua Latino Coelho uma senhora deu-me roupas, pães de leite e bolos; Salão Roma ofereceram também um bolo; no Banco Standard, deram-me muitos, muitos bolos, e um ramo de flores e pães de leite; na Breyner & Wirth uma senhora tinha 2 bolos para me dar.

No sábado à tarde, depois das 3 horas, veio cá o «Notícias» que me tirou uma fotografia, mais aos meus colegas, e no outro dia, veio no jornal. Vieram muitas Senhoras minhas

amigas e depois dos cumprimentos recebi as prendas que me ofereceram. Preparámos o lanche e mandaram-me acender as velas, mas não as apaguei todas.

Depois da festa recebi os parabéns de todos. Muito obrigado às Senhoras que me fizeram a Festa.

Ezequiel

Lar do Porto

Vou em poucas palavras, descrever os resultados finais deste ano lectivo.

Princípio pelo Colégio João de Deus: todos os três que lá andavam passaram, correspondendo assim à atenção que lhes dispensaram seus directores.

Dos três que temos no Alexandre Herculanó só um não correspondeu, esperando-se, no entanto, um bom êxito

dos dois restantes que lá estão a fazer exame.

Entretanto, temos dois na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis em período de exames que, apesar de tudo, confiam na vitória final, já que durante o ano se prepararam para isso.

Houve também um outro na citada Escola que depois de fraco no primeiro período, conseguira transpor esse obstáculo passando de classe.

Por fim, temos o nosso Quim do Porto na Escola Técnica Elementar Ramalho Ortigão que foi sem dúvida o melhor estudante deste ano, tirando uma média final de 15 valores, o que será indiscutivelmente o brilhante vencedor do relógio, que a firma Pinto & Maia, Lda oferece, tão gentilmente, todos os anos, ao estudante que melhor tenha aproveitado os estudos.

Em suma, temos que considerar de certo modo favorável o nosso trabalho, desejando que todos os nossos leitores ocupados em exames alcancem um bom êxito.

Fernando Xavier



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE